



CABO DE S. VICENTE.

PORTUGAL.

XVIII.

CABO DE S. VICENTE.

A EXTREMA ponta occidental de Portugal e da Europa é o cabo de S. Vicente no Algarve, distante tres milhas ao N. 44° O. da Ponta de Sagres. Toda a costa intermedia é formada de rochedos de mais de 300 pés de altura, em partes talhados a pique, excepto na praiasinha da Senhora da Graça na bahia d'oeste; pouco adiante está a pequena enseada de Beliche, aberta ao sudoeste com a praia do Direito em que as artes de pescadores poucas vezes deitam lanço; e perto da rocha se deita uma armação para atuns, corvinas, e outro peixe grosso, que apanha tanto *de direito*, como *de revez*; é de saber que no Algarve chamam *peixe de direito* o que vem do norte desovar ao Mediterraneo, e *peixe de revez* o que retrocede do Mediterraneo para o norte. — Nas praias desta paragem, da Balieira e do Direito, ha penhas enormes de que se tiram excellentes pedras d'afiar, de côr amarella na primeira praia, e de côr cinzenta no do Direito; em outra ao dobrar o cabo para o norte, chamada do Telheiro, ha uma penedia onde se acham das mesmas pedras, mas pretas; se na boa estação as procurassem e extrahissem convenientemente, não teriamos de comprar este objecto aos estrangeiros. — Ha um ilhote, vinte braças ao mar do Cabo, a que chamam *leixão de S. Vicente* com 10 a 15 braças de fundo no canal; e a distancia de 6 ou 8 ao mar do mesmo ilhote o fundo é de 12 a 17 braças, e vai crescendo progressivamente para o largo. Só no verão, quando o mar está bonançoso, os pescadores de Lagos vão deitar lanços áquellas praias, porque as vagas, de ordinario crespas, açoutam na

estação ruim as ribas escarpadas da costa com desmedida furia, havendo por alli poucas e más abrigadas á excepção das bahias de Sagres: os pescadores á linha e anzol, sahem ao mar alto a 5 e 6 leguas, e apanham congros, volumosos chernes, e peixes pregos e outros, em fundo de duzentas e mais braças, conforme a altura das desmesuradas montanhas submarinas de que o mar está semeado nestas paragens, aliás mui piscosas; acontece ás vezes a singularidade de um da companhia estar pescando á proa com 4 ou 8 linhas de fundo ao passo que outros á poppa pescam com o dobro, ou não acham fundo. — Toda a costa do N. do Cabo é de altas e escarpadas rochas, a fóra as pequenas praias, ditas da Roçada, Carrapateira e Arrifana, ás quaes só podem chegar os barcos pequenos com tempo sereno.

O cabo de S. Vicente é uma pequena península de 60 braças de comprimento, que se prolonga ao sudoeste, e pega com o continente mediante um isthmo de 20 braças de largo, formando duas enseadas abertas a noroeste e sueste. As suas ribas são rochedos a pique, que em partes tem mais de duzentos pés de alto acima do nivel do mar; na sumidade erigiu-se o convento, que mostra a estampa, cercado pela bateria, e que na epocha da extincção era habitado por capuchos da provincia da Piedade; está construido sobre tres picos de rocha, por entre os quaes passa o mar, que alli é mui fundo e escuro, e quando bate encapellado no fragueado salta por cima dos telhados do convento d'uma a outra banda. — Comtudo, chamam geralmente Cabo de S. Vicente a todo o territorio dos dois concelhos, hoje reunidos, de Sagres e villa do Bispo: — Sagres, tão celebre em nossos fastos, illustrada pelo memoravel infante D. Henrique; e a segunda, pequena povoação em sitio eminente a duas

leguas nor-nordeste do Cabo: este territorio foi outr'ora mui fertil e povoado, e para o interior seria muito mais productivo do que é se não jazesse tão abandonado: — o espaço porem que do promontorio ou península de Sagres se estende até a do Cabo é arido, pedregoso, batido dos ventos em todas as estações, e só cria matto rasteiro e plantas marinhas; todavia abunda em caça miuda, e nos pescueiros se tomam muitos e deliciosos mariscos e peixes de sabor delicado.

Ainda que o Cabo de S. Vicente seja bem conhecido dos navegantes, não poucas embarcações ahi tem naufragado, tomando-o os pilotos mais áquem ou alem donde elle demóra, principalmente se o demandam da parte do norte, sendo então facil o engano com a Ponta da Carrapateira e a Torre d'Aspa, pontos mais altos que o Cabo, e que se avistam primeiro; e como a costa é asperrima e intratavel certa é quasi com tal equívoco a perdição do navio: circumstancia que tornava mui necessaria a construcção de um pharol, que foi determinada por Port. de 8 d'agosto de 1835. Do Cabo vai a terra levantando até a Torre d'Aspa, obra de uma legua distante d'elle, e como dissemos mais alta, e é avistada dos que navegam do norte a mais de sete leguas, do que procede a confusão dos mareantes, ainda mais por haver alli uma pequena enseada, dita a Ponta ruiva, onde algumas embarcações tem dado á costa feitas pedaços. — Correndo a costa ao N. 70° E. vai baixando desde a Torre d'Aspa até a Ponta da Carrapateira, tambem mais alta que o Cabo, do qual fica cinco milhas. As aguas correm geralmente com muita violencia em direcção ao Cabo e a esta costa septentrional do Algarve, quasi toda d'alcantiladas rochas e onde o mar está de continuo encapellado; convem que os navegantes evitem aproximar-se della ainda que o tempo seja bonançoso: em varias partes ha grandes furnas, que segundo a tradição encerram pedras de grande preço; seria conveniente explora-las, e póde ser que desta curiosidade nascesse algum proveito. O P.º Luiz Cardoso [na palavra *Algarve*] menciona uma dellas a uma legua do Cabo, que dizem se entranha a languissima distancia pela terra, e tem a boca junto d'um penedo tão proxima do mar, que em maré cheia é coberta pelas aguas: refere tambem ser celebrada dos estrangeiros que alli iam buscar *certas pedras que nella se criam, donde le-nam grande quantidade, e as vendem por grande preço.*

Edificou-se no Cabo uma ermida e pequeno hospício para os romeiros, que alli visitavam o logar da sepultura de S. Vicente, padroeiro de Lisboa desde a conquista desta nossa capital pelo nosso primeiro monarcha: esta sepultura foi a da primeira trasladação do glorioso martyr, que padeceu em Valença sob a fera perseguição de Daciano; os zelosos christãos vieram occultar no apartado sitio deste promontorio a preciosa reliquia, que hoje possui a igreja cathedral de Lisboa; da segunda trasladação, effectuada por ordem de D. Affonso Henriques, guardámos memoria nas armas da cidade; um navio com dois corvos á poppa e á proa, que trazem á lembrança a embarcação que transportou o corpo do santo, e os corvos que se absteram de seu instincto carniceiro, quando apoz o martyrio foi o exangue cadaver do confessor de Christo exposto ás injurias do tempo e á voracidade das feras. — O bispo D. Fernando Coutinho, prelado illustre, que regeu a diocese do Algarve

no principio do 16.º seculo, fundou o convento do Cabo de S. Vicente, resguardando em especial capella o local do deposito do corpo do martyr: confiou-o primeiramente aos monges de S. Jeronymo; mas como já então os monges preferiam viver em povoado, por esta ou outras melhores rasões largaram a casa, que por convite do bispo foi occupada por uma das numerosas familias franciscanas, os capuchos da provincia da Piedade, que tomaram posse em 1516. Habitando-a estes religiosos, foi uma vez acometida de piratas lutheranos, e duas pelos mouros; dando motivo estas invasões a que elrei D. João 3.º mandasse fortificar aquelle ponto, e pôr-lhe guarnição: porem o maior estrago foi causado pelo pirata Drake, a que alguns chamam almirante; os inglezes que elle capitaneava tendo devastado algumas terras do Algarve, entrando nos poucos edificios do Cabo, largaram-lhe fogo em 25 de maio de 1587, e tudo ardeu, menos a capella do St.º Foi reedificada por Filippe 2.º em 1606, tornando a morar ahi os religiosos, que se tinham recolhido a Lagos e Portimão: a porta da igreja que d'antes era para o mar, olhando ao sul, ficou nesta segunda construcção para a parte da terra, e a sepultura do St.º martyr, de grades a dentro, está á mão direita de quem entra, mettida na parede do altar collateral desse lado. — O mencionado bispo D. Fernando, condoído dos navegantes, fizera tambem construir um pharol, que depois de arruinado ninguem se lembrou reedificar.

Dissemos que o Cabo não se limita segundo a geral denominação á ponta extrema do promontorio; assim se verá pelo começo do seguinte capitulo da *Chronica da Piedade* por Fr. Manuel de Monforte, que damos na integra (1). —

— «É o logar onde está situado o convento uma estreita ponta, ou lingua de terra firme, que sabindo quasi duas leguas fóra do outro circuito do grosso da terra, entra pelo mar oceano, adelgaçando-se cada vez mais em modo pyramidal, até dar em largura de um tiro de pedra de mar a mar: ambos os lados são de altos riscos e de viva rocha, que terá em partes mais de 70 braças de altura, e em algumas dellas tanto a pique como se fosse feita a prumo. Passado este estreito que fica a modo de collo, fortificado com um muro, se dilata algum tanto mais o sitio, em que está uma fortaleza, e este nosso convento como que faz alli cabeça áquella ponta de terra. Não ha em todo aquelle termo fonte de agua doce, senão dahi uma legua, e não mui boa, nem ainda a salgada do mar se póde haver para o serviço, senão é com engenhos de grande trabalho, perigo e custo; mas vive-se de cisternas de agua chovediça, que os ares daquelle sitio tornam tão boa, que lhe não faz vantagem a mais approvada das melhores fontes. — Nenhumas arvores estão por este Cabo, salvo alguns pequenos zim-bros: nem ha hortaliça ou frescura alguma, mais que o deserto semeado de algumas flores agrestes, como são, cravos, cravelinas, e outras desta sorte que sustentando-se de só o rocio do céu excedem a todas as dos jardins cultivados na suavidade do cheiro. Os ares neste celebre promontorio são os mais salubres e temperados de quantos no mundo os homens tem visto; porque nunca de verão se sente a molestia da calma, nem d'inverno o rigor do frio, e se algum se sente [que comtudo não chega a ser penoso] é de verão, pelo muito fresco e vi-ração do mar, que sempre corre. Deste bom tem-

(1) E' o 16.º do 2.º livro.

peramento e da mesma natureza do clima ser tal que faz digerir o mantimento com muita facilidade, e apeteer novo alimento o calor natural, vem que raramente aqui se adocece: e a não ser assim mal podéra ser habitado este convento, porque o mais perto, e visinho povo que tem, é de duas leguas, e esse tão mal provido de medico e cousas necessarias para os enfermos que se algum religioso adocece em S. Vicente se vai curar ao nosso convento em Lagos, que está em distancia de sete leguas.— Tem neste logar os olhos em que exercitar sua natural potencia, dilatando-se a uma e outra parte pelas largas e espaçosas aguas do mar oceano, nem faltam a cada passo novas occasiões de gosto em que occupa-la, porque é muita a frequencia e variedade de embarcações, que vem demandar este cabo, assim das armadas e frotas reaes, como de todo o mais genero de galés, náus grandes e pequenas, navios e caravellas de diversas gentes, nações, e linguas, que se veem passar de uma parte a outra tão visinhas da rocha que muitas vezes estão os navegantes com os religiosos á falla. Acontece tambem outra vez, como de palanque [que a altura e aspreza da penha talhada faz seguro] estar vendo naquelle capacissimo theatro [ainda que isto não sem dor pelo damno dos nossos] muitas navaes tragedias de batalhas e combates, especialmente de ladrões, corsarios e piratas, que como quem espera caça ao salto, vem alli esperar os navegantes passageiros, para lhes roubarem as fazendas e miseravelmente captivarem as pessoas; aos quaes umas vezes vencem, outras tambem são vencidos, segundo costuma ser vario o successo da guerra. Porem o que é gosto sem contrapezo, é ver os exercitos de monstros marinhos que a miúdo apparecem no meio das aguas, como em claro espelho; ora os da mesma especie, como em danças festejando; ora os de contrarias naturezas uns com outros cruelmente combatendo com muitas mortes e derramamento de sangue, soprando com colera, e lançando ao alto grandes golpes d'agua com grande furia e notavel estrondo. Outros seguem a outros peixes mais fracos e miudos, de que alli multiplica o mar infinita copia, porque vivem isemptos das redes e livres dos laços dos pescadores, que os inquiete ou diminua; ainda que não seguros das aves de rapina, de que ha grande numero e diversidade, as quaes deixan-se cahir do alto em o mar, como uma sêta, ou seja por uma natural virtude com que fazem ao peixe estar quedo, e de medo esperar pasmado, ou seja porque dentro da agua correm mais ligeiras, de dentro della o tiram de mergulho, e lhe fazem conhecer outro novo elemento, levando-os ainda vivos e inteiros, para pasto proprio e de seus filhos. Todas estas cousas fazem aos olhos uma vista agradável e ao logar aprazivel.— Alem disto foi sempre este logar famoso em o mundo, assim por ser ultimo fim, e termino occidental da terra, e terem vindo a elle muitos philosophos insignes a experimentar uma cousa que tinham por maravilha, que é ver pela manhaã no oriente sahir das aguas do mar o sol, quando nasce, e fazendo seu curso sempre por cima dellas, tornar-se a esconder á tarde nas mesmas aguas do mar em o poente; como tambem pelo nome que tinha de Sacro Promontorio, entre os geographos assaz celebre e conhecido. Este nome lhe deram os antigos, por ter sido nelle sepultado Tubal neto de Noé, que sendo o primeiro povoador desta nossa Hespanha, depois do universal diluvio, o escolheu por sua morte para se-

pultura; e pelo famoso templo que Hercules libyco edificou depois naquella parte, onde se mandou enterrar; e vindo a cega gentildade a adora-lo por deus, e de diversas e longinquas partes em romaria a offerecer-lhe sacrificios, crendo mil ficções, como era persuadirem-se que faziam os deuses alli de noite festas e jogos e tinham seus passatempos, tinham aquelle logar em tanta veneração e respeito que não ousavam chegar a elle antes de amanhecer, nem depois do sol posto, e finalmente, quando haviam de chegar, era com muitas e supersticiosas ceremonias (2).— Mas tudo isto se acabou e extinguiu depois que Hespanha deixou a gentildade, e recebeu a fé catholica, principalmente depois que os catholicos trouxeram de Valença o corpo de S. Vicente e o sepultaram neste cabo, em o qual logar tem seu templo, por cuja causa esquecendo-se o nome de Promontorio Sagrado (3), conservando-se a verdade das palavras e o sentido [pois hoje é mais sagrado do que o foi em nenhum tempo] se chama Cabo de S. Vicente. . . .» —

DOS PRINCIPIOS GERAES E ELEMENTARES DA ORTHOGRAPHIA.

 *Ennobrece-se pela primeira vez o nosso Journal com o nome do Ex.^{mo} Snr. Silvestre Pinheiro Ferreira, conhecido e respeitado na patria e em todas as nações que cultivam as sciencias e a litteratura: o presente artigo é uma introdução a outros subseqüentes, em que S. Ex.^a promette expender as suas idéas ácerca do systema de orthographia portugueza, que convem adoptar geralmente. S. Ex.^a, conferenciando com alguns litteratos, empenha-se em que acceitem uma orthographia uniforme, e com o exemplo e persuasão diligencem introduzi-la na pratica geral e constante: persuadimo-nos que o Governo, á imitação d'Hespanha, não deixará de mandar que [sendo publicada] a sigam em todas as Repartições do Estado.*

É VERDADEIRAMENTE deploravel que no meado do decimo-nono seculo nós sejamos a unica nação da Europa que carece d'uma orthographia geralmente reconhecida e adoptada. Seja-me pois licito contribuir com o meu fraco contingente para afastar de nós esta mancha: e julguem os entendedores do acerto dos seguintes principios, que me parece deverem servir aos homens de letras, a fim de que, seguindo os seus vestigios a classe mais numerosa, que só póde imitar, cheguemos a ter uma orthographia, não só geralmente recebida, mas fundada em principios mais solidos do que a simples assonancia do ouvido, como acontece na maior parte das nações, ainda as mais cultas.

O principio mais universalmente reconhecido em ponto de linguagem, fallada ou escripta, é que a ninguem é licito afastar-se do *uso geral* dos homens instruidos todas as vezes que acontece have-lo; quer seja na escolha das palavras ou das phrases; quer seja no modo de pronuncia-las ou de escreve-las.

Como porem as mais das vezes o uso varia en-

(2) Provavel é que do templo gentilico, que alguns querem fosse consagrado ao sol, viesse o nome de *sacrum promontorium*; e não de netos ou bisnetos de Noé, de que não póde haver certeza ou probabilidade historica. Sepulturas e vestigios de construcções romanas se encontraram por vezes no Cabo.

(3) D. Rodrigo da Cunha. Hist. dos Bisp. de Lisboa, pt.^o 2.^o cap. 15. n.^o 6.

tre nós, e não sómente segundo os tempos ou provincias, mas ainda mesmo entre os mais distinctos escriptores da capital, e nos actos que emanam de cada uma das estações supremas do Estado; é mister que se concorde n'um principio da boa rasão que, sendo facil de applicar por qualquer pessoa dotada de uma mediana instrucção, ponha termo a esta tão desairosa anarquia.

A regra mais immediata á que, ha pouco mencionei, do uso geral dos homens instruidos, é sem duvida, a de nos encostarmos, quanto nos fór possível, a esse uso, nos outros casos em que elle não é geral, por meio da *analogia*. Darei alguns exemplos. É de uso geral que a forma masculina dos adjectivos, cujo feminino acaba em *a*, seja terminada em *o*. Deste uso geral derivarei eu, por analogia, que o masculino de *sua* se deverá escrever antes *seo* do que *seu*; visto ser nisso mui vária a pratica dos nossos escriptores.

A terceira pessoa do plural do presente nos verbos da segunda e da terceira conjugação acabam em *m*, como: *temem*, *ferem*; logo, por analogia, *amam*, *andam* é preferível a *amão*, *andão*. Alem disso o ouvido sente a differença entre *amaram* e *amarão*: e cumpre que a escripta que lhes corresponde seja differente.

A differença de som entre o preterito *riu* e o substantivo *rio*, é que no primeiro, diphthongo perfeito, o som da segunda vogal é mais completamente de *u*, que no diphthongo imperfeito *rio*, cuja segunda vogal tem o som medio entre *o* e *u*. Alem disso, as primeiras pessoas dos perfeitos da primeira e segunda conjugação, terminam em *u*, como: *amou*, *morreu*; logo tambem, por analogia, *rïu*, *abriu*, *cobriu* deve preferir-se a *rio*, *abrio*, *cobrio*.

Comtudo ha casos em que nenhuma das precedentes regras póde ter lugar; porque o *uso* varia; e não se acham exemplos em que assentar a *analogia*. Nesses casos deve-se seguir a *etymologia*; tanto porque ella fica sendo uma rasão de preferença, ao alcance de todo o homem medianamente instruido, como porque, perpetuando a genealogia das palavras, facilita o conhecimento da sua primitiva significação.

Tres são pois, no nosso entender, as regras fundamentaes da orthographia, a saber:

Primeira: o uso geral dos homens instruidos.

Segunda: não havendo uso geral, a *analogia* do que se pratica geralmente em casos semelhantes.

Terceira: quando nem para as palavras da especie, a que pertence aquella, cuja orthographia queremos determinar, nem para as suas analogas, ha uso geral, a que nos encostemos, cumprirá seguir a *etymologia*.

Não sei se me engano; mas parece-me que observando-se estas tres regras, pela ordem e maneira que fica indicada, será mais facil que por qualquer dos outros methodos conhecidos chegar-se a obter uma orthographia constante, fundada em principios de rasão e verdadeiramente nacionaes.

Silvestre Pinheiro Ferreira.

HERVA DOS CACHOS DA INDIA, OU TINTUREIRA.

No Algarve, nas visinhanças e campos das Caldas de Monchique, alem de muitas plantas medicinaes, cria-se espontaneamente uma especie de *Phytolacca*, a qual não só tem applicação na arte de curar,

como grande uso nas artes, especialmente na tinturaria, e na illuminura de estampas. O desenho immediato mostra a especie que cresce bravia na America do Norte, onde os habitantes, apesar da acrimonia das folhas, usam destas em quanto novas, e dos grelos recembrotados para alimento, e dizem que tem o sabor dos espinafres; os povos da India septentrional servem-se por igual maneira de outra variedade da mesma planta: tem ella a raiz grossa e da fórma de nabos, e dá umas espigas ou palmitos de flôres que se convertem em cachos de bagas purpurinas, que produzem uma intensa côr vermelha: a raiz é um forte emetico, mas acompanhado de effeitos narcoticos.



(*Phytolacca decandra*).

POUCAS PALAVRAS SOBRE POÇOS ARTESIANOS.

QUANDO em o numero precedente démos noticia da cidade de Béja, dissemos qual era a sua situação, sobre uma eminencia, em meio de vasta e fertil campina: creem os naturaes que por baixo deste amplo outeiro corre uma copiosa veia d'agua, ou antes rio, e a tradição fortifica-se com as experiencias de aberturas de poços na planicie: — eis-aqui pois um terreno adequado ás perforações artesianas: e note-se qual seria a vantagem de obter agua que espontaneamente venha á superficie do solo com o impulso, limpidez, e permanencia que em semelhantes fontes se observa; nas quaes a arte nada mais faz do que descobrir as correntes subterraneas, e proporcionar-lhes desafoço, ou bocca por onde obedecendo ás leis naturaes saiam á luz, e a fertilisar campos, que por sua falta permaneceriam incultos, ao passo que ellas por obscuros caminhos no interior das terras são thesouros, incognitos como a riqueza monetaria do avarento. — A maior objecção que de ordinario oppõem á broca dos poços é a incerteza da tentativa, executando-se algumas veses o furo sem o desejado evento; mas, prescindindo agora das indicações que ministram os conhecimen-

tos geognosticos, perguntaremos se todas as vezes que se abrem poços ordinarios, para empedrar e com bocal de grande diametro, se acha infallivelmente agua? — Não vemos, por essas fazendas, a cada passo lastimosas experiencias, em que se consumiu sem proveito muito cabedal, cavando poços de muita profundidade, que depois é mister entulhar para os não deixar á disposição de assassinos e infanticidas? — Pois se estes ensaios tambem fallham, que admira que pelo methodo artesiano se não obtenha em alguns casos o resultado? Se isso fosse causa bastante para o abandonar, não haveria no mundo ramo de sciencia pratica que se adoptasse: quero dizer não se edificariam muralhas, porque ha exemplos de algumas terem desabado. — Não nos cansemos porem com o que é obvio: digamos que as aguas nos poços ordinarios brotam da mesma origem e depositos que nos artesianos, com a differença que nestes, se ellas trazem sufficiente queda no sitio em que a broca deu com a veia corrente, obedecem ás leis geraes da hydraulica e sobem acima do nivel do chão: a theoria deste facto é a mesma dos repuchos: vid. a pag. 354 e seguintes do 2.º volume: alem disso no processo artesiano não correm as vidas dos trabalhadores o risco a que no outro estão sujeitas, porque não descem a um fojo estreito de mal seguras paredes, não se expõem á violenta e subita irrupção das aguas, ao contrario trabalham desembaraçados á superficie do solo: por ultimo, o methodo artesiano facilita a repetição das tentativas, porque sahe mais barato que o methodo vulgar, como se mostrou em o artigo inserto a pag. 393 do nosso 2.º vol. já citado: é portanto preferivel, e muito convirá que se pratique em muitas localidades deste reino, em que os habitantes padecem [ou não tem a necessaria cultura] pela carencia das aguas.

DOS INFANTES D. PEDRO E D. HENRIQUE E DO CELEBRE VIAJANTE MARCO PAULO.

Não ha cousa mais natural aos homens curiosos, ainda aos medianamente instruidos, do que pertenderem saber a origem dos acontecimentos mais graves: é o *rerum cognoscere causas* do poeta latino. As navegações estrondosas feitas de ordem e por direcção do infante D. Henrique, e os estupendos descobrimentos de que foram coroadas eram em verdade phenomenos insolitos, novos, bem capazes d'excitar a admiração e curiosidade da intelligencia humana. Quiz saber-se donde veio ao illustre e sabio principe a grandiosa idéa da existencia de novas terras, nas paragens que eram condemnadas pela opinião geral a uma eterna inhospitalidade; donde veio a luz que lhe apontou ao longe a senda por onde as fracas e desprovidas caravellas do Algarve haviam de romper o *mar temeroso*, jámais atravessado; qual foi em fim o engenhoso fio que lhe deu poder desembrulhar-se do intrincado labyrintho da ignorancia geral, que fóra neste objecto até alli a opinião dos sabios. O primeiro que reflectiu nisto, e que se abalançou a explicar o enigma foi Duarte Galvão; o qual não achando sufficiente a explicação d'Azurara, e Fernão Lopes que attribuiram tudo á sciencia do infante, e ás noções e noticias bebidas em Ceuta, disse que elle se aproveitára d'um mappa que o infante D. Pedro trouxera das suas viagens pelo continente; que ahi estavam marcados os 2 pontos cardeaes dos descobri-

mentos maritimos, a saber o estreito de Magalhães com o nome de = Cola do Dragão, = e o de Boa-Esperança com o titulo = Fronteira d'Africa. = E não contente com isto accrescenta que Francisco de Sousa Tavares lhe dissera haver-lhe assegurado o infante D. Fernando em 1528 cousa semelhante, mostrando-lhe um mappa encontrado na livraria de Alcobaça e depositado alli 120 annos atraz; no qual se via descripta e estampada a navegação da India pelo Cabo de Boa-Esperança, &c. Ora vejamos em que tudo isto se funda. É certo que boas rasões havia para suppôr que o sabio e prudente infante D. Pedro não voltasse ao reino desprovido de grande cabedal de saber. Tinha elle alcançado de seu pai o felicissimo rei D. João 1.º licença para percorrer a Europa [naquelle tempo viam-se mais portuguezes peregrinando e brilhando pelo mundo do que inglezes, allemães e russos]; e com effeito no anno de 1425 partiu de Lisboa, desembarcou na Belgica, foi recebido em Bruges pela irmaã, condeça soberana de Flandres, e dahi atravessou a Alemanha, esteve em Vienna na córte do imperador Sigmundo, e com elle e seu exercito marchou á Hungria e tomou parte na guerra contra os turcos. Passados dois annos viajou na Italia, esteve em Veneza, e Roma, e voltou ao reino por França, Aragão, e Castella, até entrar em Lisboa com tres annos completos de peregrinações nas principaes, e mais instruidas córtes daquelle tempo. Em toda a parte foi recebido e tractado com a honra e consideração que reclamava a illustração de sua pessoa, parente de muitos principes, e filho de tal rei. Elle mesmo era sabio, e ambicioso de tudo o que era gloria e fama virtuosa, e conhecendo quaes eram já os estudos e projectos do irmão, não deixaria escapar qualquer occasião d'adiantar seus conhecimentos, e de contribuir por elles á grande empreza do infante Henrique.

Mas conjecturas e probabilidades não são certezas: e como delle e de suas obras nos não consta essa aquisição de mappas em Veneza, e por nenhum dos escriptores coévos, nem pelos que se lhe seguiram até João de Barros [tratando todos alli as cousas dos descobrimentos e conquistas maritimas], nada nos seja annunciado a tal respeito, forçoso será desconfiar do mappa de Marco Paulo, e mais ainda do d'Alcobaça que ninguem mais viu, nem apparece. Quanto mais, que depois de tantas diligencias, e exames quantos ultimamente fez em Paris o Sr. Visconde de Santarem, podêmos sem susto d'errar ter como suppostos ou equivocados na data mappas maritimos, assim completos, com a antiguidade inculcada. E supposto seja mui provavel que o infante D. Henrique tivesse noticia da circumnavegação d'Africa, assentámos com tudo que ainda não havia chegado o tempo de a fixar por meio de cartas maritimas, que vieram mais tarde; e a idéa e delineação destas não procederia originariamente de Veneza nem d'outra potencia maritima senão de Portugal que nisto deu lições ás outras. Quanto a Marco Paulo: é indubitavel que nesse tempo, por principios do seculo 15.º, conhecidas podiam já ser suas viagens e peregrinações asiaticas; porem ainda isso era tido vulgarmente como fabuloso pelas exaggerações orientaes, com que o entusiasta italiano embelesava seus contos maravilhosos. Nós encontramos n'uma das viagens á volta do globo do celebre Dumond D'Urville uma noticia desta personagem extraordinaria, que aqui damos em summario. — «No tempo em que o famo-

so Gengis-Kan [começos do sec. 13.º] invadiu o oriente, levou no seu exercito de persas e mogoes muitos christãos nestorianos que foi aggregando, e aos quaes favorecia muito. Era um principio de sua politica neutralisar por meio delles a nacionalidade religiosa dos chinas para mais facilmente os sujeitar. Foi nesta occasião que Marco Paulo, ainda muito moço, chegou á China em companhia de seu pai; e como era esperto e insinuante teve entrada e favor na cõrte de Kobluikan; e sabendo a lingua tartara e chinesa percorreu os principaes estados do continente e ilhas como embaixador da cõrte soberana. Costumado a vèr a riqueza e magnificencia da capital e palacio mogol, e das outras cõrtes suas dependentes ou alliadas, quando voltou á Europa entrou de contar aquellas grandezas estranhas a seus compatriotas, e ninguem o queria acreditar como acontece quasi sempre em tal caso: alçavam todos os hombros, escarneciam-o, e o olhavam como um *enthusiasta ou lunatico*: Marco Paulo não referia nem contava o dinheiro do oriente senão por milhões; d'onde proveio que por dérisão lhe chamavam = *il signor Marco milione*. — Não podendo convence-los por seus ditos, escreveu então um livro que intitidou = *Delle meraviglie del mundo*, = onde no meio d'alguns erros e fabulas, dava noções veridicas e preciosas de geographia e estatistica oriental, e curiosas e interessantes particularidades sobre os usos e costumes asiaticos. — Nós tivemos mais tarde o nosso Marco Paulo na pessoa e escriptos de Fernam Mendes Pinto, em verdade que mais instruido, e menos fabuloso que o veneziano.

J. da C. N. C.

IDÉAS HISTÓRICAS SOBRE O ESTABELECIMENTO DAS CADEIAS.

A PRISÃO do cidadão é a perda da sua liberdade, e por isso reputa-se como um dos mais graves castigos que se pôde infligir ao homem: elle nenhuma faculdade préza mais que a da liberdade, porque está inteiramente ligada com a sua conservação e existencia. A observação do homem que vive no seio da natureza tem mostrado quanto este sentimento é vivo, quão difficil de coartar. Só a lenta mas poderosa influencia da educação social pôde modera-lo, e sujeitar o homem a entrar em uma prisão. O que hoje é um facto facil e trivial, devia ser, nos primeiros rudimentos da civilisação, difficil e raro. Daqui se pôde concluir que cultura de razão, que enthusiasmos de justiça e de rectidão não são precisos para beijar os ferros, como Socrates, ainda que condemnado pelo injusto areopago: que exaltação de patriotismo, e de virtudes civicas não deve animar o homem para soffrer, podendo evita-los, todos os horrores da prisão, como Regulo. Estes exemplos, bem que raros, nunca devem esquecer; elles devem estar sempre presentes a todo o homem, porque são as gloriosas balizas das virtudes sociaes.

A origem das cadeias perde-se na noite dos tempos. A primeira prisão de que nos falla a historia, é, no livro do Genesis, a do innocente Joseph, accusado pela mulher de Putiphar: porem nos livros seguintes da mesma escriptura se mencionam muitas outras prisões. Ellas eram pouco conhecidas em Athenas, e em Sparta, e até mesmo nos bons tempos da republica de Roma. Nada havia tão sagrado naquelles tempos, nada tão precioso como a li-

berdade dos cidadãos: os culpados viviam soltos até a hora da sua condemnação. As prisões porem tornaram-se frequentes e communs debaixo do governo dos tirannos e dos imperadores romanos, porque o despotismo não pôde sustentar-se senão pelo terror e pela oppressão.

Parece que por alguns seculos na Europa, posto que barbara e inculta, prevaleceu o costume d'encarcerar sómente os vencidos e aprisionados nas batalhas. Os accusados, pela maior parte, gozavam de liberdade, e expiavam os crimes por multas, combates, agua fervendo, ferro quente e outros tractos que uma louca superstição inventou, e fixou como provas da verdade nas causas criminaes. O systema feudal porem, aperfeiçoando os seus principios de oppressão e de tyrannia, fez por fim extensivas as prisões a todos os accusados. Uma prevenção maligna parecia então penetrar o coração dos juizes e cabeças do governo: o processo era nada, e o castigo era tudo. Consequentemente o designio que naquelle tempo dirigiu a construcção das cadeias, foi o de cavar profundamente na terra para alli enterrar o desgraçado preso, que reduzido a uma vida quasi vegetativa, e envenenando-se lentamente pelo seu proprio halito, cahia por fim não poucas vezes victima do barbaço desamparo da brutalidade dos carcereiros, e de attenuantes e devastadoras molestias. A immoralidade alli reinante, desinvolveida ou reforçada pela ociosidade, acabava de perder qualquer resto de sentimento de virtude com que tivesse entrado para essas horrosas moradas.

Por longo tempo continuou a influencia deste systema barbaço e oppressivo, e o estado actual da maior parte das cadeias da Europa mostra ainda hoje ao espirito penetrante e observador que o mesmo systema as caracteriza e dirige. Tempos ávidos de crimes, ávidos de tormentos, foram o eterno opprobrio da humanidade! Graças porem aos luminosos progressos que o espirito humano tem feito nestes ultimos tempos, philantropos dignos das mais brilhantes coróas tem alçado a voz da justiça ultrajada, e demonstrado a impiedade de similhantes estabelecimentos, tem despertado a attenção publica sobre a necessidade do seu melhoramento. Tem-se reformado os codigos criminaes de algumas nações, e alli se tem determinado que as cadeias podem ser collegios de industria, e de recta moralidade. A humanidade pôde gloriar-se desta feliz lembrança, e sobre tudo de a ver já executada em alguns paizes com solidas vantagens. Espantosa transformação! A habitação do ocio e do crime passou a ser a eschola da occupação e da virtude: do maior dos males se tem tirado o maior dos bens.

O infatigavel João Howard foi o primeiro que excitou a attenção da humanidade para a barbaço sorte a que os presos viviam condemnados: foi o primeiro que desceu a essas tenebrosas e inficionadas mansões da dôr e da miseria com olhos de viva ternura e de consolador intuito. — Seus philantropicos clamores, reforçados pelos progressos sociaes, tem finalmente commovido os corações. — Cidadãos inflammados no verdadeiro amor da humanidade tem proposto varios planos de reforma: sociedades se tem estabelecido para cuidar neste mesmo objecto, e finalmente alguns governos tem já a gloria de possuir estas instituições, dirigidas pelos principios, que a justiça e a humanidade ha muito reclamam.

Entre os planos até aqui propostos se distingue

com particularidade o que o venerando *Jeremias Bentham* offereceu em 1791 á assembléa legislativa de França. Este plano tendente a melhorar, utilizar, e corrigir a sorte dos presos, foi unanimemente approved pela assembléa. Sua execução estava determinada, porem a subita mudança de governo a suspendeu e annullou. Igual sorte experimentou em Inglaterra, a cujo Parlamento o auctor o offereceu em 1798. Passaram-se então os Decretos para se entregar o dinheiro necessario para a sua construcção, e para a compra do terreno preciso, porem difficuldades, ainda que alheias da natureza do plano, impediram executa-lo. Durante a sua vida este insigne jurisconsulto offereceu ao congresso portuguez de 1821 um *Tratado sobre a policia das cadeias*, o qual foi remettido a uma commissão, mas com a queda do systema representativo não teve seguimento.

Entre os planos publicados são dignos de mencionar-se os propostos por *Gorani*, e por *Villermé*. Taes projectos, por algum tempo sómente especulativos, pareciam á maior parte dos homens verdadeiros sonhos e puras visões. Porem governos continuamente dedicados a alcançar tudo quanto é justo, grande e magestoso, não desmaiando á vista desta nova empreza, que offerecia ao mesmo tempo tantas difficuldades, e o penhor mais firme da tranquillidade e moral publica, a levaram animosamente á execução.

Foi a *Pensylvania*, quem abriu o exemplo da reforma, que não tardaram em seguir algumas outras provincias da federação americana. Alli tem esses estabelecimentos sido levados a um gráu de perfeição que parece incrível. É aos generosos esforços do immortal *Penn*, e aos *quakers*, que se deve tão piedosa instituição. Só uma firme coragem e perseverança, podia vencer os obstaculos que se lhe oppuzeram, quando elles requereram em 1790, e 1791 á legislatura da *Pensylvania* a reforma das cadeias. Então considerações filhas do tratamento habitualmente então dado aos presos, a persuasão dos juizes sobre a impossibilidade da sua intentada emenda, as tramas dos interessados na conservação dos abusos, offereceram uma resistencia tenaz e maligna. Alfim porem prevaleceu a justiça da causa da humanidade, e foi decretada a sua execução.

P. M.

(Concluir-se-ha.)

Refrear as paixões é o mais util preceito da moral. — Tudo o que é pernicioso no seu progresso, é máu na sua origem. Todas as paixões, que chegam a demasiado gráu de força, tornam-se ruinosas: portanto, se as agrilhoarmos no seu começo, nada poderão sobre o nosso espirito; sendo certo que a maneira mais efficaç de nos premunirmos contra o aspecto seductor do prazer, e os seus funestos resultados, é trabalhar com assidua e infatigavel applicação por dominar as nossas paixões. Pelo contrario no momento, em que deixarmos de prestar ouvidos aos dictames da razão, as paixões ganharão energia, e uma vez perdido o imperio, que sobre ellas devemos ter, seremos vencidos e levados da torrente das propensões e dos habitos: infelizmente a fraqueza humana encontra prazer em não resistir, e cada uma condescendencia é nova aquisição, novo triumpho do vicio: mas nem por isso deixa de ser certo que, quando o homem se abandona ao prazer sem exame e sem medida, tor-

na-se igualmente culpavel para consigo mesmo, porque se converte em inimigo da sua propria conservação, e da sua felicidade. Domai o corpo [dizia *Cicero*] de tal sorte que elle não resista ás determinações da razão, e que seja capaz de supportar os trabalhos. — «As paixões violentas [que *Plutarcho* bem compara aos prismas que reflectem cores, por onde a luz passa, mas consideravelmente modificada e differente daquella, que reflectem os objectos, captivando todas as potencias da alma ou illudindo o exercicio da razão] são os inimigos mais poderosos contra o homem: só a moderação nas paixões é o principio salutar e seguro de que derivámos a perfeita sabedoria, e a probidade. — A historia nos appresenta homens entregues a vida desregrada, que se despenharam nos maiores excessos. Não vemos *Nero*, *Tiberio*, *Domiciano*, *Commodo*, *Heliogabalo*, e tantos tyrannos [porque estes são os mais notaveis] menearem sceptro de ferro, custando cada um milhares de vidas pelos seus criminosos appetites, só rodcados de maldições, tacitas no seu tempo, solemnes na posteridade? Não sentiu igualmente *Roma* os estragos, e perdas irreparaveis, occasionadas pelo truculento despotismo d'um *Caligula*, desse monstro, que praticou excessos taes, que não seriam reputados verisimeis, se não soubessemos que um despota involvido nos vórtices dos seus delirios está disposto a emprehender tudo, assim como que um povo escravo, que perde o brio nacional, e que deixa forjar insensivelmente os grilhões da sua escravidão, está apto para tudo supportar? Não vemos, pelo testemunho historico, *Alexandre o grande*, esse phenomeno militar dos tempos antigos, assassinar no meio d'um festim publico o seu proprio amigo *Clito*? Portanto para nos prevenirmos contra o perigoso ascendente das proprias paixões, cumpre que a razão conserve sempre essencialmente o seu imperio; que trabalhemos por nos illustrar em todos os elementos da vida moral e social, e em reformar os habitos viciosos, empregando a maior sollicitude para conter no seu começo a acção impetuosa e irreflectida, que póde arrastar-nos. *Socrates* manifestou a prova indestructivel do quanto póde o habito de reflectir e combater as paixões violentas; tinha character violento e colerico; porem a philosophia o tornou mais brandó e tratavel: chegou a desprezar as maiores injustiças, as de inimigos atrozes que lhe roubaram a vida e a liberdade; e hoje o nome de *Socrates* diz mais que muitos commentarios dos moralistas.

BIBLIOGRAPHIA.

Obras publicadas pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

SAHIRAM a 2.^a e 3.^a partes das — *Reflexões sobre a Lingua Portuguesa*, m.^a do P.^o *Freire*, *Candido Lusitano*, que a Sociedade tomou a seu cargo publicar, addicionando-lhe as notas, que pareceram necessarias não só para elucidação do texto, como para mostrar a differença de certas opiniões em questões grammaticaes, a cujo respeito o passado seculo estava mui longe de pensar com hoje pensámos: porventura este limitado trabalho aproveitará [no que respeita a um periodo moderno] a quem houver de escrever a historia critica do nosso idioma, obra que só alguma penna tão erudita quanto philoso-

phica poderá dignamente levar a cabo. — A acceitação que teve a 1.^a parte, de que as duas ultimas não desdizem, nos dispensa de a seu respeito gastar mais palavras. —

Estampámos tambem uma obra rara, já no conceito dos intelligentes mui estimada, e que vai agora pelo beneficio da reimpressão ter maior numero de apreciadores: fallamos da —

Relação do novo caminho, que fez por terra e mar, vindo da India para Portugal, no anno de 1663, o P.^o Manuel Godinho, da Companhia de Jesus. — 2.^o Edição. 1 vol. 8.^o francez. —

O Ex.^{mo} Snr. Patriarcha Eleito, no *Indice Chronologico das navegações, viagens, &c. dos portuguezes aos paizes ultramarinos* (*), fallando das jornadas, feitas por patricios nossos, vindos por terra da India á Europa, declara que das relações que deixaram manuscritas ou impressas seria conveniente fazer uma colleção ordenada e quanto podesse ser completa [pag. 271]: isto, alem de outras razões obvias, teria por fim mostrar que não foram os nossos viajantes tão descuriosos ou incapazes de pôr por escripta as suas observações, como alguns injustamente presumem. — Se por agora se não leva a effeito essa Collecção, que demanda tempo e muitas pesquisas e que hade ser volumosa e de dispendio: — bom é que se vulgarisem as narrações que encerram mais geral utilidade ou pela copia de noticias ou pela pureza de linguagem: dando-se estas duas condições em a obra do P.^o Godinho, todos approvarão a lembrança que suggeriu a sua nova publicação, de mais a mais justificada pelas citações de abalisadas auctoridades, que vão insertas no prologo da edição. — A Academia das Sciencias na *Collecção para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas* tem reunido preciosos escriptos; o Sr. Dr. Nunes fez imprimir em Paris o Roteiro de D. João de Castro; sahio tambem pela primeira vez o da Viagem de Vasco da Gama com as notas dos Sr.^{es} Herculano e Paiva; emfim já neste anno o Snr. Osorio reimprimiu o *Itinerario* de Fr. Gaspar de S. Bernardino; e nós estampámos a *Relação do P.^o Godinho*: Antonio Tenreiro, que antes destes dois, escrevêra succintamente a sua jornada de Ormuz a Portugal, era mais conhecido, porque alem das edições em separado anda junto á *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, até na ultima edição de 1829, na qual tambem colligiram o tratado sobre a China pelo dominicano Fr. Gaspar da Cruz. — Portanto, sem fallar-mos em escriptos importantes sobre a America e sobre as nossas possessões africanas, ha poucos annos se tem feito conhecidas muitas obras originaes portuguezas, ou raras ou ineditas, todas respectivas á geographia, e cousas da Asia. — Da actualidade nos estão dando noticia os *Annaes* que publica a Associação Maritima e Colonial.

Cathecismo de noções geraes explicadas á infancia. Publicado para uso das creanças em Portugal, nas provincias ultramarinas e no Brasil. — 1 folheto de 8.^o br.

Approvado de ha muito, o methodo de ensino em perguntas e respostas tem sido reproduzido hoje nas escholas das nações cultas, e n'uma infinidade de livros elementares, que servem d'introdução e preparatorio para a instrucção da tenra idade, ministrando-lhe idéas das cousas mais essenciaes, ainda que abbreviadas muito claras, e por isso faceis de comprehender e de reter na memoria. O folheto

(*) Lisboa: Imprensa nacional. 1841.

annunciado é a primeira tentativa que a Sociedade faz neste genero: susceptivel é de muito aperfeiçoamento, que de futuro poderá receber: se esta fôr bem acceita, não só hade ser ampliada e melhorada, como tambem seguida de iguaes trabalhos sobre doutrinas, que requerem tratadas com mais extensão, sem contudo prescindir-se da perspicuidade e clareza convenientes ás intelligencias, a que se destinam.

*

O Romanceiro portuguez: ou colleção de romances d' historia portugueza, compostos pelo Sr. Ignacio Pizarro de Moraes Sarmiento. 1 vol. com o retrato do A. e quatro estampas. Edição nitida.

Tinha o Sr. Pizarro, com o conhecimento que possui das cousas patrias, e com o talento que lhe é natural, reduzido a romances mui agradaveis [todos em verso lyrico á excepção do Fr. Luiz de Sousa] alguns factos e tradições da historia destes reinos tão abundante de poeticas inspirações: alguns havia publicado em jornaes litterarios, mas para a nova impressão os retocou e corrigiu, sem que o amor proprio de auctor original, e os louvores que as suas composições tinham merecido, o dissuadissem de fazer as emendas que a sua consciencia litteraria lhe apontava. Já se vê que o Sr. Pizarro quiz que sahisse o mais perfeito este seu livro, nacional pelos assumptos, e tambem pela forma, pois que até na metrificacão seguiu a antiga medida de verso, tão suave e harmoniosa, que tanto falla ao coração, tão usada nos rimances nacionaes, por isso decorados por todos, e de continuo repetidos. As composições que este volume comprehende, e que tem recebido merecidos applausos, hão de ser mais populares, exausta a primeira edição, e intentando o editor a segunda mais accessivel em preço á pluralidade dos leitores.

Mel sulphuro = saturnino do Professor Puente.

Recipe. — Enxofre purificado, segundo a pharmacopea hispana meia dracma.
Proto-carbonato de chumbo meia dracma.
Mel clarificado duas onças.
Agua distillada tres dracmas.
Faça-se mistura segundo a arte.

O fim deste medicamento preventivo é evitar ou curar as enfermidades que nas creanças se desenvolvem pela decomposição do leite de que se nutrem. Applicando-o, desapparecem em 24 horas a febre, sede intensa, dor e ardor na região epigastrica, de que a infancia é tantas vezes victima: serve elle como de purgativo que pelas dejecções expulsa a causa do mal. Aproveita em summo grau na epocha da dentição; quando a creança emmagrece pelo mau leite que toma; ou quando as mães tenham experimentado grandes magoas, sustos, ou ataques de colera vehemente. — Deve ministrar-se no espaço de dois dias por seis ou nove vezes, dando logo de mamar á creança, mas sem excesso; e depois um clister brando. Tem-se experimentado no asylo d'expostos em Madrid; e o recommenda o facultativo Manoel Cosme Perdiguero no *Diario de Badajoz*, n.^o 170, de 19 de junho de 1831.

* Com este n.^o 53, ultimo do presente anno se distribue aos Snr.^{es} Assignantes o *Indice* do 1.^o volume da 2.^a Serie. — Vende-se avulso por 25 réis.